

Categoria II

6º e 7º ano

6º e 7º ano - 1º LUGAR

Ariela Aguiar Kakon

Cento e onze dias

Eu lembro que, no Carnaval, cheguei a dizer que uma fantasia de coronavírus estava fora de moda. Parecia distante e quase resolvido. Mas começaram a chegar notícias da Itália, da Espanha, de Israel e, em março, chegou ao Brasil. Quando a quarentena começou e as aulas foram suspensas, foi um susto e até pareceu um exagero. E admito que cheguei a achar divertido: aulas pelo celular! Finalmente, podia ter meu cachorro assistindo às aulas comigo e ganhei uma hora a mais de sono.

E o tempo foi passando... os problemas aparecendo. Nunca pensei que fosse preferir um recreio com os amigos que com o celular, nem que fosse sentir tanta falta da sala de aula. Também me surpreendi ao ver que minha mãe não para e como as tarefas domésticas são muito chatas e cansativas.

Nessa monotonia, depois de mais de um mês, comecei a perceber como o distanciamento social se manifesta de forma muito diferente em cada pessoa, mesmo morando na mesma casa. A minha mãe, sobrecarregada, talvez precisasse de mais algumas horas por dia e, pra ela, o tempo passa muito rápido. Eu passei a perceber o quanto eu preciso da minha rotina normal: acordar cedo, me vestir, ir pra aula, ver pessoas... pra mim, definitivamente, a vida através da tela não é o suficiente. Apesar de tudo, acho que aqui em casa quem está sofrendo mais é meu irmão, com seus picos de estresse, apatia e ansiedade, que movimentam a minha rotina também. E a casa se dividiu porque cada um precisava, cada vez mais, de seu espaço: minha mãe na cozinha, eu passei a ficar muito mais tempo no meu quarto e meu irmão ocupou a sala.

Nesses cento e onze dias, tenho a sensação de que a vida “parou” e o ano “não existiu”, ou aconteceu de uma forma inimaginável, como um sonho ou um pesadelo. Foi um período que vivemos mais das memórias que do presente. E sobre o futuro só fico imaginando como vamos relatar isso para as próximas gerações.

E a pergunta que todos fazem: o que você quer fazer depois da pandemia? Eu penso que preciso de uma grande mudança, de grandes projetos, para que eu possa recuperar o tempo perdido e voltar a produzir boas memórias. Mas, sem dúvida, muita coisa mudou, não apenas na minha vida, mas na rotina das pessoas e nos valores do mundo.

6º e 7º ano - 2º LUGAR

Fabrizio Dreicer Mastrobuono

A monótona repetição

Meu nome é Fabrizio e, como todas as outras pessoas, estou em quarentena. Hoje em dia, estamos todos na expectativa de um “novo normal”, em função desta persistente pandemia. O “velho normal” acabou em março deste ano, de modo abrupto, quando a escola fechou. De modo assustador e em uma velocidade incrível, o mundo que eu conhecia parou.

O medo de morrer fica evidente em várias pessoas, que mal escondem o pânico de subir comigo num simples elevador. A situação piorou ainda mais no mês de abril, quando fomos proibidos de usar as áreas comuns do edifício. Os sorrisos sumiram, o “Como vai você?” também desapareceu. Os moradores mais velhos, no edifício onde moro, mal escondem o medo de chegar perto de mim. Não foram só as aulas ou o comércio que foram interrompidos, a gentileza e a educação também desapareceram na mesma velocidade. Do mês de abril para cá, sinto que deixei de ser visto como um jovem querido pelos vizinhos, para ser tratado como uma ameaça ambulante. Mães que antes telefonavam para que fôssemos passar as tardes com seus filhos hoje puxam os braços de nossos amigos, para que nem cheguemos perto deles.

No mês de maio, uma nova rotina se estabeleceu de modo definitivo: não saio mais da frente do computador. Aquilo que antes era tempo de ficar praticando esporte, como jogar nosso futebolzinho, agora é tempo de jogar videogame. Solidão, tempo de ficar sozinho como nunca havia ficado antes. Cercado de morte, assunto fixo em qualquer canal de televisão. Não é sequer diferente da realidade virtual do videogame, onde também há mortos em massa.

A vida como eu a conhecia simplesmente desapareceu. Viagens, preparação para Bar Mitzvá, festa de aniversário, ou seja, vida plena, foi sendo trocada por confinamento, solidão. Eu sinto um “tédio gigante” e um cansaço que nunca havia sentido. Meu dia a dia se resume a me levantar, ir para o computador, mais tarde

almoçar e fazer lições. Todo o resto é videogame. Mesmo quarto, mesma cadeira, mesmo computador. Nada muda, todo dia é a mesma coisa. Aliás, parece que estou vivendo o mesmo dia há cinco meses seguidos. Para não dizer que nada nunca muda, confesso que fico esperando chegar sexta-feira, pois começa o fim de semana, quando posso jogar e dormir até mais tarde. Nessa entediante quarentena, o único mistério é qual será a próxima lição de casa, algo que ninguém poderia imaginar, nem mesmo a professora mais otimista.

Agora, aqui no Brasil, já temos mais de um milhão de casos confirmados e o nosso presidente nem preocupado está. Parece ter orgulho de nosso país estar em uma posição alta nesse mórbido ranking. Continua tentando abrir shoppings e o comércio, mas não está nem aí para a dor e o sofrimento da população. Só de ouvir essas coisas, repetidas vezes, em todos os jornais e revistas, fico logo assustado, com muito medo. Em razão desse medo, desaparece até a vontade de sair de casa.

Espero com muita ansiedade pelo “novo normal”, com o mínimo de vida e convívio, pois a rotina atual é horrível. Tenho fé de que tudo isso ainda vai passar.

6º e 7º ano - 3º LUGAR

Isidoro Gubnitsky

Um passo mais distante, cada vez mais perto

Essa é uma história que não é triste nem feliz. Não tem um final alegre nem um final desastroso. Na realidade essa história ainda nem acabou. Ela fala sobre mim, Isidoro Gubnitsky, e isso que eu vou contar é sobre o período que nós todos estamos tendo que conviver com o coronavírus.

Eu estudo no Colégio Renascença e sempre adorei o teatro musical. Com meus nove anos comecei a fazer projetos profissionais. Neste ano de 2020 iria estrear uma peça! Estava muito feliz, mas tudo isso mudou quando alguma coisa veio parar as nossas vidas, a covid-19.

Já estava ouvindo falar sobre essa doença na China no começo do ano, porém achei que não fosse nada grave, pensei que nem iria chegar ao Brasil. Em março de 2020, minha vida virou de ponta cabeça quando tivemos que cancelar a primeira pré-estreia do musical que eu estava fazendo! Após isso rapidamente a escola teve que fechar, depois o teatro também foi fechado, e de repente o mundo inteiro estava fechando suas portas.

Eu havia ficado muito preocupado e bem triste, não sabia que esse novo vírus iria causar tanto impacto nas nossas vidas. Assim eu tive que compreender e começar a me adaptar ao “novo normal”.

No começo eu detestava fazer as aulas on-line. Eu ficava o dia inteiro sentado em frente a uma tela, não podia fazer nada e eu não gostava de mexer nos aparelhos eletrônicos! Estava chateado e entediado, não sabia o que fazer, tinha medo de tudo que estava acontecendo lá fora no mundo.

Então tive que achar algo para fazer, algo que eu não iria fazer diariamente, então achei vários jogos, livros e brinquedos na minha casa que eu quase nunca vi! Aproveitei muito o tempo que eu tinha com a minha família. Claro, eu os via todos os

dias, mas agora tenho mais tempo para conversar com eles do que normalmente eu tinha.

Consegui aprender novos hobbies, como montar origamis e esculturas, consegui ver vários amigos pessoalmente e virtualmente, visitei a casa dos meus parentes e até consegui viajar com a minha família um final de semana! Isso tudo me deixou bem mais calmo e muito mais alegre.

Eu espero que toda essa confusão acabe, e quando isso terminar espero que as pessoas aprendam um pouco sobre valorizar tudo que elas têm, e como as pessoas que conhecemos são tão importantes para nossas vidas. Tenho certeza de que quando isso acabar vamos voltar para as nossas vidas com sentimentos e ideias diferentes.

6º e 7º ano - 3º LUGAR

Ury Spatz Mello

Durante a tempestade

Oi, eu sou o Ury e resolvi escrever esse texto para passar o tempo e para ter algo registrado dessa pandemia, que eu não aguento mais.

Hoje completa o quarto mês de confinamento e já fiz de tudo um pouco: assisti vídeos no YouTube, acabei quatro séries e vários filmes, limpei a casa e até aprendi a cozinhar.

Minhas emoções ficaram em altos e baixos: uma hora eu ficava triste por não poder estar com minha família e meus amigos, em outros momentos sentia raiva das pessoas que saíam sem motivo e ainda por cima sem máscara.

Às vezes me sinto sufocado por morar em um apartamento pequeno. Até então isso não me incomodava, mas, com todos em casa o tempo todo, ficou estressante, fora a frustração de não poder jogar bola, nadar, correr, andar de bike e patins.

Ainda bem que não sou filho único, pois adoro me divertir e brincar com minha irmã, assistir filmes, jogar jogos em família, rir muito com as trapalhadas dela e estar mais tempo com a minha mãe.

Graças a D'us tive o privilégio de ir para o sítio da minha avó e aí sim corri, me diverti, andei descalço, de bicicleta, de patins, joguei bola, brinquei de banho de mangueira, fui na piscina e vi o quanto a vida é boa.

Esse confinamento me ensinou a dar valor aos detalhes da vida, hoje percebo que tenho sorte ao ver uma paisagem linda, cheia de verde, montanhas que ficam atrás dos edifícios e fico me perguntando como eu nunca tinha reparado na beleza que eu sempre tive embaixo do meu nariz.

Fiz novos amigos e isso me deixou feliz, de alguma forma estamos próximos, mesmo que seja somente em longas conversas por telefone e videochamadas. A

forma de se divertir e brincar mudou muito, não sei se isso é saudável, mas, em tempos de pandemia, é a única maneira de se relacionar. Apesar disso, tem sido bem legal.

Antes da quarenta a minha rotina era muito corrida e sinto falta de acordar cedo para ir à escola, sair às pressas do colégio para não deixar o motorista esperando, mesmo querendo continuar lá com meus amigos... Disso tenho muitas saudades.

Hoje passo a maior parte do tempo na frente do computador ou no celular fazendo lições. Para me distrair assisto jornal e novelas na televisão, vou desenhar, brincar com meus bonecos e faço algo que nunca fazia antes, que é participar das atividades da casa.

Tenho a sensação que lá fora é um mundo à parte, como se estivesse chovendo o tempo todo, numa interminável tempestade, fazendo com que ninguém saia de casa.

E de fato estou preocupado com a situação do meu país e do mundo. Quantas pessoas mais morrerão até a vacina ser descoberta?

Espero que em setembro já tenha vacina contra a Covid-19, e que as brincadeiras, abraços, idas a lugares públicos voltem.